

## **DIA DAS MÃES**

SHARON NICOLA CRAMER

Levei muito tempo tentando engravidar. Um dia, quando eu estava na casa dos trinta, num domingo em que se comemorava o Dia das Mães, entrei numa igreja da minha cidade e comecei a chorar.

Mulheres de todas as formas e tamanhos - jovens e idosas estavam sendo homenageadas durante a missa. Cada uma recebia uma linda rosa e voltava ao seu lugar, enquanto eu continuava sentada, mãos vazias, privada da alegria da maternidade.

Mas tudo mudou num mês de fevereiro. Já perto dos quarenta anos, nasceu Gabriel. Foram vinte e quatro horas de trabalho de parto para dar à luz aquela trouxinha de alegria de pouco mais de dois quilos. Jordan nasceu no mês de março do ano seguinte. Era menorzinho e o trabalho de parto durou menos tempo. E, desde que eu passei a pertencer à irmandade das mães, tenho querido compartilhar o que descobri para de fato irmanarme com as outras mães.

Nunca imaginei, enquanto desejava tão desesperadamente engravidar, que essa irmandade exigisse uma preparação tão árdua. Alguns meses de muito enjoo, seguido por anseios incontroláveis por comidas estranhas, ganho de peso perturbador, dores na coluna, o aprimoramento da arte de arrumar travesseiros preenchendo espaços entre o volume da barriga e o resto da cama. Estrias na barriga, culminando tudo com as assustadoras dores do parto.

Com o nascimento da criança, passa-se do treinamento à iniciação, que está apenas começando. Noites sem dormir, cólicas do bebê, angústia com os choros inexplicáveis, inquietação com os resfriados, pânico com a ameaça de pneumonia, coração partido com a tristeza causada pela morte do bichinho de estimação.

Ajudei meus filhos a largar a chupeta e a mamadeira, a usar o troninho, levei-os à escola e segurei suas mãos na hora da vacina.

Ouvi-os falar da primeira namorada, da primeira decepção, e sofri na primeira vez em que se aventuraram ao volante de um carro. Fiquei acordada de noite, imaginando mil coisas, até ouvir o barulho da chave na fechadura da porta, e voltei à insegurança da adolescência na época do vestibular dos dois.

Mas no fundo do coração, entranhado em todo o meu ser, guardo imensos tesouros: o primeiro movimento dentro da barriga, o instante milagroso em que se materializou ante meus olhos aquela pessoinha gerada por mim, a boquinha sugando meu peito e o primeiro sorriso de reconhecimento. Essa experiência deslumbrante que é ver uma pessoa se revelando em suas características únicas, observar suas descobertas, sentir sua mãozinha procurando a proteção da minha, o corpinho se aconchegando debaixo dos cobertores. Assistir aos avanços, aos desafios superados, ouvir as confidências, sentir-se amiga confiante dos filhos.

Cada mãe que me lê pode continuar seu inventário dos tesouros que compensam infinitamente dores e aflições.

Agora que estou me preparando para ingressar no clube das avós, voltei à mesma igreja num Dia das Mães. Pensando na jovem que eu era e na aflição que vivia, fui inundada de gratidão por tudo o que recebi, pelo que aprendi com meus filhos, pelo crescimento que eles me proporcionaram, pelas alegrias profundas que me deram. E senti meus braços transbordando de rosas.